

vida & arte

23 de janeiro de 1997

ESTRÉIA

A Chegada de Lucrecinha de Bem-Te-Vi no Céu será apresentada no Teatro Rachel de Queiroz. A direção é de Cláudio Jaborandy e Conceição Senna. As sessões acontecem às 19h e 21 horas.

CLÁUDIO LIMA



Os personagens Anjo-chefe, Deus, Virgem Maria, Lucrecinha e Madalena, da peça A Chegada de Lucrecinha do Bem-Te-Vi no Céu

Bem-Te-Vi no Céu

Estréia sábado em Guaramiranga A Chegada de Lucrecinha do Bem-Te-Vi no Céu, espetáculo teatral que conta sobre a passagem não muito tranquila de uma prostituta pelo Paraíso ■

ANA CLÁUDIA PERES

Da Editoria do Vida & Arte

Pedro dorme à entrada do Céu num domingo daqueles. Sabe como é... sétimo dia, descanso para Deus. O Anjo-Chefe está diante de um terminal de computador e é quem tem de receber Lucrecinha - a quenguinha que acaba de bater as tamancas depois de levar um tiro no peito disparado por seu cafetão. O problema é que o nome da garota não se encontra em nenhuma das listas da burocracia celestial. Por um motivo banalíssimo: a pobre não teve tempo de fazer o curso de arrependimento que Maria Madalena oferece na Terra. Pronto. Está armada a confusão que vai envolver Deus e o diabo em A Chegada de Lucrecinha do Bem-Te-Vi no Céu, peça que estréia sábado em Guaramiranga como resultado dos cursos realizados pelo Instituto Dragão do Mar no alto da Serra, semestre passado.

As meninas do Calçadão sintam-se bem representadas. Sem nunca ter tirado os pés de Guaramiranga, Camilla Ribeiro - a Lucrecinha do espe-

táculo - não tem mais que 10 anos e está um número em seu primeiro papel. Vide a cena em que é desprezada por um desses boyzinhos justo quando se oferece para fazer um "buzubuzu" com o rapaz - conforme a mãe, uma ex-prostituta que atende por Raimundinha do Rebolado, ensinou. As demais "fulaninhas" também dão o recado. Deus - que dizem não ter sexo - dessa vez é mulher. Como, de resto, todo o elenco de Lucrecinha... Do cafetão a São Pedro. Aliás, foi esse o motivo que levou Conceição Senna e Cláudio Jaborandy, os diretores, a mudar a linha do espetáculo.

Quando chegaram a Guaramiranga em outubro do ano passado para ministrar uma oficina de não mais que 15 dias de Formação de Ator para os 20 alunos matriculados, os dois queriam levar para o palco o cordel "A Chegada de Padre Cícero no Céu", do cearense Renato Dantas. Não deu. Em compensação, o curso dura até hoje e os professores tiveram uma grata surpresa: as próprias alunas montaram uma comédia que tem como tema a prostituição infantil. Longe do que poderia ser um es-

petáculo politicamente correto - e chato - e mais distante ainda daqueles ataques cênicos caricaturais que compram briga com a Igreja e poderes afins, Lucrecinha... pretende contar com humor a passagem não lá muito tranqüila de uma prostituta, que não se arrependeu do que fez, pelo Paraíso. "Para isso humanizamos o Céu", diz Jaborandy.

Não tenham dúvidas. Deus é um cara metido a machista que acha que o assunto em questão é um problema de mulheres - mas até que Lucrecinha "gostaria de trabalhar" para Ele. Maria e Madalena são duas despeitadas que batem boca para decidir o destino da garota - a Virgem quer que a menina fique por ter sido boazinha na Terra, enquanto Madalena acha que Lucrecinha vai agarrar o primeiro anjo que aparecer pela frente já que não cursou as disciplinas de Esquecimento das Posições Sexuais, Abstinência, Conformação Um e Dois nem Introdução à Neurose feminina. Tem ainda Santa Clara e Santa Luzia, cada uma com seus argumentos. E até uma Santa Oriental, zen toda, que aposta em penitência macrobiótica ou, na pior das hipóteses, acupuntura para resolver qualquer pendenga. E por aí vai.

Diga-se que o texto é uma criação coletiva das alunas que contou com o

arremate do Curso de Dramaturgia do Instituto Dragão do Mar. "Os roteiristas têm de deixar seus birôs e cair em campo", cutuca Conceição Senna. Ao que Jaborandy endossa: "É aí que estão os grandes achados". Foi nisso que eles apostaram ao convidar os alunos do Curso de Dramaturgia para fazer o texto final do espetáculo. Pelo visto, funcionou. Artur Guedes, Haroldo Aragão e Mara Faria subiram à serra e deram de encontro com um poço de criatividade. Depois, foi juntar as peças e finalizar um texto que abusa das paródias e trocadilhos.

Mas não foi só com o curso de Dramaturgia que a oficina de atores trabalhou em conjunto. O figurino, os adereços e a maquiagem da peça saíram dos cursos realizados nessas áreas também em Guaramiranga. No total, 43 alunos participaram dos cursos. Quatorze atuam em A Chegada de Lucrecinha do Bem-Te-Vi no Céu. De resto, é aguardar a estréia e torcer para que o espetáculo fique em cartaz por uma temporada maior. Bom programa que promete riso solto a todas as idades neste final de semana é descobrir que fim vai levar Lucrecinha. Talvez consiga entrar no céu à força. Talvez vá pros quintos dos infernos. Quem sabe faça um supletivo com Maria Madalena. Quem sabe... É teatro puro.

Integrantes da peça começaram no Cangalha

Guaramiranga e Teatro vivem um caso de amor há muito. Tanto assim que a cidadezinha construiu o aconchegante Teatro Rachel de Queiroz e anualmente sedia o Festival Nordeste de Teatro. Andaram dando um tempo quando os Grupos Cangalha, formado em 84, e o infantil Galho, de 91, fecharam para balanço. Mas a relação começa a dar sinais de vida. Não é à toa que a maioria dos integrantes do Cangalha está no elenco de A Chegada de Lucrecinha do Bem-Te-Vi no Céu.

"Esse curso reuniu os adolescentes do Galho e as 'crianças' do Cangalha", brinca Nilde Ferreira, o Anjo-Chefe do espetáculo e diretora do Departamento de Cultura de Guaramiranga, que também faz parte do antigo grupo. "É a retomada", acredita, seguida de perto por Ana Ferreira Deus, na peça - uma das fundadoras do Cangalha que voltou a se apaixonar pelo teatro de-

pois que assistiu à peça vencedora do último Festival, Sinhá-Flor, do Grupo Tartarus, da Paraíba. No Cangalha, ela atuou em adaptações de Martins Pena e em todas as outras peças do próprio grupo, marcadas pela denúncia e pela crítica. Naquela época, era comum as atrizes - que nas horas vagas faziam as vezes de funcionárias públicas - escutarem ameaças de seus superiores. Não ligavam.

Da nova safra, saltam estreatantes cheias de fôlego. Feito Selma Lino, que tem 31 anos, trabalha na agricultura, está desempregada e, diariamente, pedala oito quilômetros do Sítio Arábia até o Teatro Rachel de Queiroz para os ensaios. Está achando o máximo. Nem que tenha de ouvir os resmungos da mãe, enquanto decora as falas em casa. "Minha filha, você tá ficando doída? Vou buscar um chazinho de cidreira", conta às gargalhadas.